

NARRATIVAS DE PROFESSORAS DE SURDOS EM TEMPOS DE COVID-19

Autoras:

Jadhy Bastos Russi de Pinna Vasconcelos (UFLA)

Erica Alves Barbosa (UFLA)

Giovanna Rodrigues Cabral (UFLA)

Resumo

Durante o período de isolamento, devido à Covid-19, uma temática bastante discutida foi o futuro da educação e os desafios que os professores enfrentaram para dar continuidade ao ensino. Com o objetivo de contribuir para tais discussões, especificamente em relação à educação de surdos, foram produzidos dados a partir de entrevistas feitas com três professoras de surdos que atuaram na Educação Básica e no Atendimento Educacional Especializado, durante a pandemia, e puderam compartilhar suas experiências e vivências. As narrativas nos propiciaram conhecer, na perspectiva das professoras/narradoras, que é essencial pensar em alternativas diferentes do ensino presencial para que a educação se efetive. A visão dessas professoras foi ampliada para a necessidade de atendimentos individualizados e estratégias diferenciadas para o ensino de Libras. Por meio da análise das narrativas espera-se que os dados produzidos possam contribuir para ampliar o debate sobre a educação de surdos e identificar as necessidades formativas dos professores que permeiam esse processo de ensino.

Palavras-chave: Narrativas. Professores de Surdos. Pandemia da Covid-19. Formação de professores.

Introdução

A pandemia se alastrou e fez com que o ano de 2020 ficasse marcado pela mudança drástica na rotina de todos e pelas importantes tomadas de decisões que afetaram a vida e os planos futuros das pessoas. Desde 17 de março de 2020, após a publicação no Diário Oficial da União da Portaria Nº 343, que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas remotas enquanto durar a pandemia, os estudantes deixaram de frequentar as escolas por prevenção ao vírus. Diante disso, o desafio maior foi encontrar a melhor forma de dar continuidade ao ensino, seja por meio de aulas mediadas pelo computador ou atividades impressas que pudessem ser realizadas em casa.

Apesar do esforço em criar um planejamento e ações direcionadas à garantia da educação para todos, a diversidade de realidades educacionais, sociais e econômicas no Brasil é enorme e acaba acarretando problemas no ensino e aprendizagem dos alunos. Um estudo feito, em julho de 2020, por pesquisadores da Fundação Carlos Chagas, Universidade Federal do ABC, Universidade Federal do Espírito Santo e Faculdade de Educação da USP,

apontou que a maior dificuldade enfrentada pelos professores de classes comuns, do Atendimento Educacional Especializado ou de serviços especializados, durante a pandemia, foi trabalhar com esse grupo a distância estimulando a participação de todos (PAGAIME *et al*, 2020).

Pensando, especificamente, na educação de surdos a pesquisa tem o propósito de investigar os desafios na docência do professor de surdos, durante a pandemia, que repercutem em sua prática pedagógica e, também, compreender as vivências dessa possível educação remota por meio de narrativas feitas pelas perspectivas desses profissionais com o objetivo de conhecer e analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores e como tem sido esse ensino para os surdos.

Material e métodos

Este trabalho faz parte de um projeto maior intitulado “Narrativas de professores de surdos em tempo de pandemia do Covid-19: vivências, desafios e possibilidades”. Desse projeto maior, nasceu esta investigação que se constitui em uma pesquisa qualitativa e de cunho biográfico-narrativo, pois suas fontes são produzidas a partir de narrativas de três professoras de surdos. Nesta pesquisa entendemos que a entrevista narrativa foi um caminho interessante para compreendermos as especificidades do trabalho com os estudantes surdos em tempos de distanciamento social e é através das falas dos sujeitos que apreendemos a singularidade de sua experiência. (DELORY, 2012).

Portanto, o processo de investigação foi realizado mediante entrevista narrativa compartilhada na qual a entrevistadora e as entrevistadas contribuíram para que no fim fosse elaborado um documento público. A plataforma escolhida para a realização das entrevistas foi o Google Meet. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

O primeiro critério utilizado para a escolha dos participantes se referiu ao ser professor de alunos surdos da Educação Básica que estivesse atuando em alguma instituição de ensino e o segundo critério foi em relação ao tempo de atuação do profissional na educação. Foram selecionadas três professoras ouvintes, com mais de cinco anos de atividade na área da educação, pelo fato de já terem passado pela fase de início da carreira e estão no período de estabilização e comprometimento da docência.

O primeiro passo da entrevista foi o contato inicial com as participantes para que ficasse claro o objetivo da pesquisa. O segundo passo foi realizar o agendamento da entrevista narrativa com duração média de uma hora acordado com as envolvidas. No caso desta pesquisa as entrevistas foram divididas em duas, a primeira entrevista foi realizada com a diáde: professora referência 1 que leciona em Língua Portuguesa e a professora referência 2 que leciona em Libras. As duas profissionais trabalham sob o viés da bidocência com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais em uma escola comum em que as

aulas são ministradas utilizando as duas línguas. A segunda entrevista foi realizada com uma professora que trabalha em um Centro de Atendimento Educacional Especializado. As duas entrevistas foram conduzidas em forma de conversa de maneira ampla e aberta sem que fosse priorizada a dinâmica de perguntas e respostas para que o livre espaço de fala das entrevistadas fosse possível. (DELORY, 2012).

Resultados e discussão

No decorrer da análise dos dados produzidos durante as entrevistas foi observado que os desafios aumentaram em relação à educação de surdos ao longo da pandemia da Covid-19. As duas professoras que trabalham com a bidocência em uma escola comum e que possuem apenas uma aluna surda na turma perceberam a necessidade do trabalho individualizado com essa aluna, uma vez que, com a impossibilidade de frequentar a escola de maneira presencial, a aluna não participava das atividades sugeridas pelas professoras via *Whatsapp*.

Primeiro (...) a gente começou com esse trabalho no grupo (do WhatsApp) colocando vídeos, estimulando os meninos a gravarem sinais, fazendo brincadeiras no grupo de uma forma geral, mas acabou que a participação da aluna surda não era com tanto afinco. Os meninos (alunos ouvintes) participavam mais do que a própria aluna.

(Fala da professora referência 2 – entrevista com a díade).

Portanto foi necessário que a professora referência 2 realizasse as atividades através de vídeochamadas para que a aluna pudesse acompanhar.

Aí a gente utiliza todos os recursos que são viáveis. Fichas com identificação de cores, fichas com sinais de profissões que foram os temas trabalhados na escola, fichas com os dias da semana e dos meses. (...) Os cálculos com ela eu uso imagens ou então, eu uso números, vou usando os recursos que são cabíveis nesse momento e sempre buscando a sinalização para que ela sinalize. (...) Um dos temas que nós usamos (...) foi a questão da germinação. Então, em uma das nossas aulas, eu fiz com ela em vídeo uma simulação de plantio. Fichinhas de plantinhas com as fases e sequência de germinação. Eu pedi que ela enumerasse qual seria o primeiro, o segundo e como atividade para casa ela teve que gravar um vídeo dela fazendo uma plantação.

(Fala da professora referência 2 – entrevista com a díade).

Outro motivo para que as professoras tomassem essa decisão foi que a família da aluna é ouvinte e desconhece a Língua Brasileira de Sinais, sendo assim, não consegue auxiliá-la nas atividades da escola.

Já a professora que trabalha com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) identificou um lado positivo em seu trabalho com os alunos surdos das escolas comuns durante a pandemia. O contato com os profissionais

das escolas aumentou e eles puderam trabalhar de fato em conjunto fazendo as adaptações necessárias para os alunos surdos.

E aí embora o contexto da pandemia seja muito triste e o que fale mais alto é realmente o lado negativo, eu considero que teve um lado positivo pro nosso trabalho, porque a gente às vezes ia numa escola em março e só voltava em agosto. Com o contexto remoto mudou totalmente. A gente começou a ter contato quase todo dia, toda semana, reuniões no meet e contatos privados com os professores no Whatsapp, e aí a gente instituiu a seguinte prática: as escolas que firmassem a parceria, enviassem pra nós o seu planejamento, a sua proposta de atividades que ia ser entregue ou que já tinha sido entregue e a gente apoiar com essas adaptações necessárias para os alunos surdos.

(Fala da professora do AEE – entrevista individual)

Para que os alunos não perdessem o contato com a Língua de Sinais no período de isolamento, os professores do AEE começaram a produzir vídeos de acordo com o planejamento de cada escola e de cada aluno surdo, criando um canal no *youtube* para divulgação em todas as escolas que tivessem estudantes surdos.

Conclusão

No atual cenário em que o mundo se encontra, devido à pandemia da Covid-19, diversas iniciativas surgiram para minimizar os atrasos na educação, porém, muitas apresentaram seus prós e contras. Em relação à educação de surdos, os resultados obtidos nesta pesquisa realçam alguns aspectos positivos e negativos do ensino para os alunos surdos durante a pandemia.

A pesquisa mostrou que não há a melhor forma de dar continuidade ao ensino, durante a pandemia, mas os educadores devem buscar a forma mais adequada para que o aluno se desenvolva sempre respeitando suas necessidades educacionais. As professoras, mesmo diante do desafio do ensino remoto, buscaram ações pensando nas especificidades dos estudantes surdos. Entretanto é fundamental que os profissionais sejam fluentes em Libras e estejam qualificados para que possam atender as particularidades que a educação de surdos necessita.

A percepção das professoras, em relação à aluna surda necessitar de um ensino individualizado, durante a pandemia, foi primordial para que ela não perdesse o direito à educação. Mas e a interação com os outros alunos? Nesse momento, há inclusão? Ou podemos pensar que as necessidades educacionais da estudante surda foram priorizadas naquele momento? Esperamos que as narrativas das professoras possam gerar reflexões sobre a ação de professores de surdos, em tempos de Covid-19, e que essas reflexões reverberem em ações docentes de qualidade nesse contexto.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação/Gabinete do Ministro. Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União. Publicado em: 18/03/2020. Edição: 53 Seção: 1 Página: 39.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Universidade de Paris 13. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira, Revisão técnica de Fernando Scheibe. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 5, set-dez. 2012.

PAGAIME, A. et al. Pesquisa: Inclusão Escolar em tempos de pandemia. Fundação Carlos Chagas, 2020. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/inclusao-escolar-em-tempos-de-pandemia/>> Acesso em: 6 de dezembro de 2020.